

# O MITO DA BELEZA E AS IMAGENS DE CONTROLE NA OBRA DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Jorlaíne Monteiro Girão de Almeida<sup>1</sup>  
Kelcilene Grácia-Rodrigues<sup>2</sup>

## RESUMO

Fundamentado nos pressupostos do Feminismo Decolonial, este trabalho tem como objetivo analisar na obra Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus o aspecto social e a resistência das mulheres negras diante de sua condição de subalternidade, onde convivem diariamente com o racismo e a dominação masculina. Os espaços restritos e excludentes presentes na autobiografia da autora serão o cerne da pesquisa, na qual, a personagem, através dos quadros de memória, toma consciência de sua condição de subalterna perante a hegemonia do colonizador, demonstrando assim, a construção identidade da protagonista Bitita em meio à exclusão da mulher, negra, pobre e periférica solidificadas através das imagens de controle e o mito da beleza. É uma pesquisa bibliográfica, de análise literária e social, tendo como principais bases teóricas os autores: Winnie Bueno (2020), Françoise Vergès (2020) e Patrícia Hill Collins (2019).

**PALAVRAS-CHAVE:** Diário de Bitita; Imagens de controle; Mito da beleza; Feminismo decolonial.

THE MYTH BEAUTY AND THE CONTROL IMAGES IN THE WORK DIÁRIO DE BITITA, BY  
CAROLINA MARIA DE JESUS

## ABSTRACT

Based on the assumptions of Decolonial Feminism, this work aims to analyze in the work Diário de Bitita, by Carolina Maria de Jesus, the social aspect and resistance of black women in the face of their condition of subalternity, where they live daily with racism

- 1 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2863437781656907>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4141-5689>. E-mail: [jorlaine.almeida@iff.edu.br](mailto:jorlaine.almeida@iff.edu.br)
- 2 Doutora em Estudos Literários pela UNESP-Araraquara. Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no campus de Três Lagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9636046088021706>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7141-3289>. E-mail: [kelcilene.gracia@ufms.br](mailto:kelcilene.gracia@ufms.br)

and male domination. . The restricted and exclusionary spaces present in the author's autobiography will be the core of the research, in which the character, through memory frames, becomes aware of her subordinate condition before the hegemony of the colonizer, thus demonstrating the identity construction of the protagonist Bitita amid the exclusion of black, poor and peripheral women solidified through images of control and the myth of beauty. It is bibliographical research, of literary and social analysis, having as its main theoretical bases the authors: Winnie Bueno (2020), Françoise Vergès (2020) and Patrícia Hill Collins (2019).

KEYWORDS: Diário de Bitita; Control images; Beauty myth; Decolonial feminism.

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, aos 14 de março de 1914. Sua família descendia do período de escravidão. Estudou por pouquíssimo tempo, pois, devido à busca de trabalho da mãe, mudava-se com frequência e ajudava sempre nas atividades domésticas. A miséria é tristemente relatada em suas obras, e, em específico no livro Diário de Bitita, ela nos machuca mais por retratar uma criança que não pôde brincar, estudar, ler e porque viveu e sentiu a exclusão social e a violência em todos os momentos de sua vida.

Diário de Bitita curiosamente foi publicado primeiro na França através do título *Journal de Bitita* em 1982. Carolina Maria de Jesus buscou durante toda a vida o reconhecimento de suas obras e a publicação de seus escritos em alguma editora importante. Essa busca e a forma que a autora escrevia seus livros estão presentes em sua obra mais famosa *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), onde é relatada a fase adulta da vida da escritora e sua luta pela sobrevivência e sustento de sua família.

A condição de vida de Carolina melhorou com a publicação de seu *Quarto de despejo*. No entanto, sua literatura sempre foi amplamente questionada por ter sido escrita por uma mulher, negra e moradora de favela. Farias (2018, p. 227) afirma que “os jornais e os demais escritores, ditos cultos, incomodados com a presença nas suas, até

então, intocáveis lides literárias de uma “escritora favelada”, torceram bastante o nariz”.

Mulheres negras como Carolina fizeram a sociedade olhar para uma parte dela que sempre foi invisível. Na condição de “outro”, ela transformou-se no sujeito da ação e seus pensamentos e pontos de vistas incomodaram a ordem patriarcal racista. A voz da dominação masculina sempre vem em direção a elas para reafirmar seu poder de dominação, seja ela pelo gênero, cor ou condição social, como no trecho da obra *Diário de Bitita*:

Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava” (JESUS, 2014, p. 18).

“– Negrinha! Negrinha fedida! [...] – Cabelo pixaim! Cabelo duro!” (JESUS, 2014, p. 95), assim chamavam Bitita pelo bairro onde ela residia. O corpo dela e das mulheres negras são marcados por imagens que as estereotipam como “sujas”, “feias” e “malcuidadas”. Essas imagens criadas pelo grupo dominante não foram feitas por mero acaso. Elas têm um objetivo muito claro e definido para controlar os corpos delas:

As imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de

violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. (VERGÈS, 2020, p. 73)

Patrícia Hill Collins em sua obra *Pensamento Feminista Negro* (2019, p. 35) conceitua essas imagens de controle como uma forma de manipular a sociedade para conferir à perversidade da segregação socioracial o aspecto de naturalidade, normalidade e inevitabilidade a partir dos estereótipos vinculados à raça e à sexualidade. Collins defende que essas imagens de controle foram criadas a partir da escravidão para a manutenção do poder:

A ideologia dominante na era da escravidão estimulou a criação de várias imagens de controle inter-relacionadas e socialmente construídas da condição de mulher negra que refletiam o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras. Além disso, como negras e brancas eram importantes para que a escravidão continuasse, as imagens de controle da condição de mulher negra também funcionavam para mascarar relações sociais que afetavam todas as mulheres (COLLINS, 2019, p. 140)

Bueno (2020, p. 79) defende que essas imagens de controle visam perpetuar a violência e a iniquidade social no mundo todo, assim, as imagens de controle, a partir de uma lógica autoritária de poder “nomeia, caracteriza e manipula significados sobre as vidas de mulheres negras que são dissonantes daquilo que elas enunciam sobre si mesmas”.

Carolina, em sua autobiografia, afirma que existem dois mundos diferentes para as pessoas negras e brancas, onde “o mundo é negro para o negro, e branco para o branco” (Jesus, 2014, p. 59). Essa é a ideia que forma o pensamento binário que categoriza as pessoas, as ideias e as coisas a partir das diferenças um do outro. As imagens de controle têm como parte central o pensamento

binário porque é ele que organiza e estrutura a dominação, a colonização e a escravização. Conforme Bueno:

O pensamento binário será o sustentáculo da objetificação das mulheres negras como o outro da sociedade, o que irá balizar a justificativa ideológica que organiza as opressões de raça, gênero e classe. A forma com que o pensamento binário é utilizado para criar categorias que só existem em relação à outra e a partir de uma lógica de opostos é fundamental para a articulação das imagens de controle, uma vez que os comportamentos e a sexualidade de mulheres negras serão não apenas utilizados como justificativas para a sua opressão como também como modelos desviantes em relação aquilo é considerado “normal”, “humano”, “civilizado” (BUENO, 2020, p. 81).

Para Bitita, essa noção do binarismo era muito clara na prática porque ela notava que “os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida”. Já para o negro, “a vida era-lhes mais difícil” pois não tinham oportunidades de instrução e quando encontravam trabalho sempre eram exaustivos (JESUS, 2014, p. 58).

De acordo com Collins, a tensão causada pelo binarismo é aliviada pela subordinação de uma parte do binarismo à outra. Assim, “os brancos governam os negros, os homens dominam as mulheres, a razão é superior à emoção na averiguação da verdade, os fatos substituem a opinião na avaliação do conhecimento, e os sujeitos governam objetos” (COLLINS, 2019, p. 139). De tal modo, esses conceitos implicados nas relações de superioridade e inferioridade também estão vinculados à economia e à política a partir da opressão de gênero, raça e classe.

Assim, para Collins (2019), as mulheres loiras, magras e de olhos azuis não seriam consideradas belas e dentro do padrão de beleza se não se apoiassem no contraste das mulheres negras com características pró-

prias do povo africano como a cor da pele, o cabelo crespo, o nariz largo e os lábios carnudos. E parte da objetificação das mulheres está ligada à valoração de sua beleza.

As afro-americanas sofrem a dor de nunca alcançarem o padrão de beleza vigente, apoiado no pensamento hegemônico das imagens de controle. Logo, uma boa parte delas buscam por procedimentos estéticos como alisamentos de cabelo, cosméticos que prometem clarear a pele e até a cirurgias plásticas para chegarem próximo a este padrão.

Bitita vive o binarismo recorrentemente em sua infância e adolescência. Num de seus trabalhos como empregada doméstica, a patroa promete como forma de pagamento produtos de “beleza” que fariam com que a menina alcançasse o padrão das mulheres brancas:

A dona Maria Cândida pediu à minha mãe para eu ir todas as manhãs auxiliá-la na limpeza da casa. Minha mãe consentiu.

Pensei: “Que bom! Quanto será que ela vai me pagar?”.

Mas a dona Maria Cândida disse-me:

- Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim, e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar escorrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz.

Pensei “então esses homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira os fez ficarem brancos! E quando eu ficar com os

cabelos escorridos e o nariz afinado, quero ir a Sacramento para os meus parentes me verem. Será que vou ficar bonita?” (JESUS, 2014, p. 136-137)

Collins (2019) afirma que as mulheres de negras de pele mais escuras sofrem muito mais que as negras de pele mais clara. O tratamento recebido é inferior pela discriminação dos traços naturais delas como o cabelo crespo e pelo nariz proeminente. Assim, as negras de pele mais clara com traços miscigenados são tratadas de forma mais gentil por apresentarem traços da elite branca.

A denúncia também é feita por Collins (2019) quando destaca que para arrumar trabalho, assim como prometido pela patroa à Carolina, essas mulheres de pele negra mais escura acabam recorrendo ao alisamento de cabelo, pois se comparecerem a uma entrevista com o cabelo natural ou trançado, provavelmente não conseguirão a vaga.

A foto de Carolina abaixo destaca como a cor de sua pele e os traços naturais da mulher negra foram fatores primordiais para a sua exclusão da sociedade. Por esse motivo, acaba trabalhando em serviços de limpeza doméstica; e na vida adulta como catadora de lixo, pois são esses os serviços disponíveis, majoritariamente, para a sua raça:

A mulher negra é objetificada de tal modo que seu corpo se transformou em mercadoria. Essa mercadoria, desde a escravidão, pode ser trocada ou vendida pelo dominador pelo preço ou pela forma que lhe aprouver. A classe, o gênero e a cor são os fatores determinantes para o estabelecimento das hierarquias estabelecidas socialmente. Collins (2019, p. 140) afirma que “as imagens de controle da condição de mulher negra também funcionavam para mascarar relações sociais que afetavam todas as mulheres”. Assim, para que as mulheres brancas possam cuidar de si e de suas carreiras, são necessárias mulheres negras para cuidar da

casa e dos filhos delas.

Há ainda um outro grave problema além da exploração do trabalho destas mulheres que é a contribuição para os problemas sociais na sociedade civil negra. Collins (2019, p. 145) explana que “por passarem muito tempo longe de casa, as mães que trabalhavam fora não conseguiam supervisionar adequadamente as filhas e os filhos e, assim, contribuíam de modo relevante para o fracasso escolar das crianças”. Deste modo, não é coincidência que essas crianças não consigam concluir os estudos por: a) não terem suas necessidades supridas pelo baixo salário recebido pela mãe; b) pela falta de tempo dela para cuidar dos seus, já que precisa passar todo o dia e toda a semana no trabalho. Assim, essas crianças precisam abandonar a escola para ajudar a mãe com as despesas da casa, ratificando o número de pessoas negras que permanecem em trabalhos subalternos por não terem condições de estudar.

Collins (2019, p. 147) afirma que as “condições inferiores de moradia, escolas subfinanciadas, discriminação no emprego e racismo nas relações de consumo são praticamente desconsiderados da vida das mulheres negras”. Essas mazelas sociais implicam na dificuldade do acesso do povo negro às condições de melhorias, visto que há uma “visão higienizada da sociedade” (COLLINS, 2019, p. 147) onde as pessoas negras e pobres são responsáveis pela própria vitimização. Assim, o fracasso escolar dos filhos das mulheres negras é responsabilidade delas e não sócio-político.

Essa enorme falha social dificulta seriamente o acesso das crianças negras ao progresso em suas carreiras. A desigualdade social, cultural e política é ainda complementada na vida dessas pessoas com imagens de controle que definem que “é só se esforçar” para sair da condição de pobreza. O que não condiz com a realidade social e

ratifica o relato de Bitita em sua autobiografia:

Durante seis meses trabalhei para a dona Maria Cândida. Despertava às cinco horas, lavava o rosto às pressas porque pretendia chegar sempre na hora certa para não magoá-la. [...] Então ela enganou-me! Pensei nos seis meses que trabalhei para ela sem receber um tostão. Minha mãe me dizia que o protesto ainda não estava ao dispor dos negros. Chorei. (JESUS, 2014, p. 137)

Há uma defesa de um mérito social que não leva em consideração as enormes desigualdades enfrentadas por cada país. A visão meritocrática deixa entendido que a hierarquia que compõe a sociedade é justa e boa. Na teoria, qualquer um que se esforce ascenderá economicamente, na prática observa-se os relatos como o de Carolina sobre a ausência de condições para tal.

Essa ausência de condições no caso de Carolina foi causada pela herança escravocrata que designou a ela e ao povo negro o lugar da subalternidade. Suas características físicas como a cor da pele, o cabelo crespo, e as formas faciais características do povo negro com lábios e nariz avantajados relegam a ela um papel fixo na sociedade: o da serviço de limpeza.

A meritocracia faz crescer exponencialmente a desigualdade social. As desigualdades econômicas excluem todos aqueles que não compõem uma elite cada vez mais restrita. Quando um grupo social comenta sobre a ausência de esforço por parte daqueles que estão na luta diária para a sobrevivência, não leva em consideração a luta de um povo que foi jogado à própria sorte após anos de servidão.

O autor Daniel Markovits trata em sua pesquisa A cilada da meritocracia essa crença de que há oportunidade generalizada para aqueles que trabalham satisfatoriamente. Quando, na verdade, “a insistência

Figura 1 - Fotografia de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Brasil Escola<sup>1</sup>

Figura 2 - As escritoras Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus



Fonte: Folha de São Paulo<sup>2</sup>

1 Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>

2 Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/literatura/os-lacos-que-unem-clarice-e-carolina>

hipócrita na justiça das hierarquias sociais e econômicas impostas pela meritocracia torna-as particularmente tóxicas e cruéis para os que estão fora da elite de escolhidos” (MARKOVITS, 2021, p. 62).

Se realmente fosse por merecimento, Carolina teria ascendido socialmente e colhido frutos dignos de seu esforço extremo, que não foi o que ocorreu. A partir da leitura de suas obras Quarto de despejo e Casa de alvenaria fica nítido que apesar de ter publicado seus livros e recebido uma pequena parte daquilo que deveria, ela sequer usufruiu daquilo que realmente lhe condizia como o pagamento justo das vendas de seus livros.

O preconceito sustenta e legitima as desigualdades, pois o privilégio da elite advém da discriminação e exploração e não do mérito. Para Markovits (2021, p. 102) “o mérito é uma construção artificial, erigida para valorizar a exploração do capital humano e, dessa forma, purificar uma distribuição de privilégios que de outra forma seria desprezível”. O mérito é nada mais que um conceito ideológico criado para justificar uma distribuição injusta de privilégios.

Assim como o mérito gira em torno de uma classe social da elite, o Mito da beleza existe para fomentar o poder institucional dos homens. Os estereótipos que são direcionados aos vários grupos de mulheres distintas são intencionalmente elaborados como forma de dominação.

Enquanto as mulheres brancas e das classes de elite são estereotipadas dentro de um padrão inalcançável de forma física e aparência perfeita alcançado através de inúmeros procedimentos estéticos, as mulheres negras são estereotipadas como trabalhadoras subalternas ou jovens sexualizadas e erotizadas.

Wolf questiona em sua obra O mito da beleza “como uma mulher pode acreditar no sistema de mérito numa realidade

como essa?” (WOLF, 2018, p. 81). A realidade apresentada pela autora demonstra que “somente nas profissões de modelo e prostituta as mulheres ganham regularmente mais do que os homens” (WOLF, 2018, p. 81). E além de receberem menos que seus colegas homens nas mesmas funções, ainda são sobrecarregadas pelas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Há um esforço imensurável das mulheres para se adequarem a uma beleza considerada profissional, pois as mulheres que buscam uma vaga de trabalho são constantemente avaliadas por sua aparência. Há uma injustiça denominada de padrão de beleza profissional que é “apresentada às mulheres como algo imutável, eterno, correto e que tem origem nelas mesmas, que lhes pertence tanto quanto sua altura, a cor de seu cabelo, seu sexo e o formato do seu rosto” (WOLF, 2018, p. 91).

Carolina em sua infância tentou recorrer aos milagres ilusórios dos cosméticos para alterar a sua aparência e sem bem aceita e bem-quista socialmente. Acreditava que tornando-se branca, de cabelo liso e nariz afilado conseguiria respeito de seus parentes e de seus empregadores. Sua cor e suas características físicas a relegaram à posição de subalternidade desde a infância até a sua vida adulta.

A imagem de controle da empregada negra que serve à senhora branca com servilidade e mansidão pode ser constatada no já citado episódio em que Carolina encontra Clarice Lispector num encontro para a publicação do livro de ambas:

Na publicação da biografia de Clarice, o biógrafo Benjamin Moser (2009) cita a aparência de Carolina como a de uma empregada doméstica e afirma que a autora parecia estar fora de seu lugar. Mais uma vez fica claro o lugar destinado a mulheres como Carolina: o da cozinha! O lugar de servidão das mulheres negras não fica apenas implícito nas entrelinhas do preconceito, fica explícito

em colocações como a de Moser e de tantos outros que fazem questão de deixar clara a dominação patriarcal em que se vive.

Wolf (2018, p. 381) afirma que a condição de inferioridade da mulher a coloca como candidatas a cirurgias plásticas e a procedimentos estéticos como forma de validação. Carolina na foto acima junto à Clarice traz o binômio do padrão de beleza no Brasil, pois enquanto Clarice representa a mulher da alta classe social, branca, culta, magra e com feições dentro do padrão como o nariz caucasiano, Carolina tem feições não brancas que são consideradas “deformidades” como o cabelo crespo e o nariz com a extremidade larga e arredondada. E não foi à toa que Carolina trabalhou duro na infância sonhando com o cumprimento da promessa da patroa de receber um “remédio para o seu cabelo ficar escorrido” e “um doutor para afilar o seu nariz” (Jesus, 2014, p. 137).

Quando Carolina se questiona em sua autobiografia se ficaria bonita após todos esses procedimentos estéticos prometidos pela patroa, fica evidente o entendimento dela sobre a imposição social acerca de um padrão de beleza. Pois, se pequenina ela gostava de ser preta, após o seu entendimento sobre o racismo e a segregação social, ela começa a buscar o padrão e aceitação.

Carolina percebe a relação da cor da sua pele com o mal e o ruim. Pois, “em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o belo e o bom”, onde o belo representa aquilo que agrada socialmente (Eco, 2014, p. 8). Enquanto que “o mal é representado pelo negro”, pois, segundo Fanon no padrão europeu (2008, p. 160):

O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande

número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro.

A colonização, a escravização, a humilhação e a exploração do povo negro fizeram com que eles mesmos assimilassem a ideologia da inferioridade de sua raça. Fanon (2008, p. 188) analisa que por causa de tanta humilhação, “o negro quer ser como o branco”, pois ele já assumiu que a superioridade do branco é indiscutível, então não há outra solução senão parecer com eles para ser visto com humanidade.

Talvez, por essa visão tão maniqueísta das raças que Carolina sempre escolhia se relacionar com homens brancos. Os pais de seus três filhos eram brancos, o pai de João José de Jesus era português e o de José Carlos de Jesus era espanhol. Fanon (2008, p. 59) também trata dessa busca das mulheres negras por pertencerem ao “mundo dos brancos” a qualquer custo. Ao se relacionarem com um homem branco, elas já têm a consciência de que não serão assumidas por eles, mesmo que tenham filhos, mas “precisam da brancura a qualquer custo”.

A obra o diário de Bitita traz escancarada essa tentativa de embranquecer a família através do casamento, a personagem Mariinha, prima de Carolina, foi obriga-



da por sua mãe Ana a casar com um homem branco, João Miguel, e viveu infeliz no casamento, pois amava um negro, sem nome na narrativa. Por esse amor incompreendido pela família e não correspondido ela acabou morrendo, “os comentários no velório eram desabonadores para a tia Ana, que impediu a sua filha de casar-se com um preto. Dizendo que queria que a sua filha casasse com um branco para purificar a raça” (Jesus, 2014, p. 74).

A ideia da purificação da raça impõe a busca por branqueamento, por narizes afilados, cabelos alisados e descoloridos. Impõe um casamento forçado ou uma gravidez indesejada para o início da inserção da família dentro do padrão.

Essa busca universal pelo padrão de beleza, um mito inalcançável que faz com que as mulheres passem a vida correndo atrás de arquétipos que mudam ao longo da história, mas que hoje é o da mulher branca, loira, de cabelos lisos, faces afiladas, magra e atlética. Wolf define que o mito da beleza nos conta a seguinte história:

A qualidade chamada “beleza” existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher corresponde à sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável (WOLF, 2018, p. 29).

Enquanto esse mito é contado para as mulheres, a realidade é um pouco mais cruel. As empresas de cosméticos, procedimentos estéticos e o ramo de cirurgia plástica fizeram da beleza um sistema monetário. Na era atual, o sistema de beleza imposto socialmente faz com que tanto as mulheres bem-sucedidas quanto as que ainda estão lutando para encontrar seu espaço no mercado de trabalho coloque ao dispor desse comércio grande parte de seus rendimentos. Nem é preciso dizer que o padrão de beleza promulgado pelo mito é inalcançável, pois qual sentido teria deixar a mulher perfeita se ela pararia de gastar neste ramo ao alcançar seu objetivo?

Assim, o mito da beleza não está relacionado às mulheres, “ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional dos homens” (WOLF, 2018, p. 31). Envelhecer é feio para as mulheres, pois o tempo traz a sabedoria e o poder a elas, o que é completamente inaceitável aos homens. As mulheres são ensinadas a temer a elas mesmas, “o mito da beleza mutila o curso da vida de todas” (WOLF, 2018, p. 31).

O mito da beleza é alimentado pelas imagens de controle que trazem significados à vida das mulheres. As mulheres negras solidificam essa matriz de dominação quando aceitam o padrão. O período escravocrata desenhou essas imagens com a finalidade da dominação, assim, tanto a imagem da mulher negra cuidadora/serviçal quanto a da mulata sensual fazem parte desse sistema de controle que satisfaz somente a eles. E não só a aparência é controlada; o comportamento delas, independentemente de sua condição social ou racial, é regido para o total regozijo deles.

Segundo Bueno (2020) a matriz de dominação muitas vezes é composta pelo binarismo, assim a mulher branca, por exemplo, só é pura se contraposta à lascívia da mulher negra. Só é inocente se a negra for

culpada. Só é bonita se as mulheres negras forem feias.

Através dessas ideologias que se mantêm um sistema de superioridade racial, de gênero e de classe. A forma com que eles as controlam, faz com que elas estejam muito ocupadas cuidando de sua aparência e pretensa perfeição, enquanto poderiam estar lutando por seu espaço social de igualdade.

E as imagens de controle não apenas controlam a imagem das mulheres negras, mas restringem a sua autonomia. Isso fica claro na autobiografia de Carolina quando ela é presa por ler. A vizinhança, já com a uma ideologia formada de que mulheres negras não poderiam ler, denunciaram Carolina porque viram isso como uma forma de subversão. E para que essas mulheres continuem sendo vistas como o outro é preciso que permaneçam sem acesso ao conhecimento e assim manter a autoridade daqueles que estão no poder. Freire (1987, p. 18) afirma que “A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência de classe oprimida”, o que está visivelmente ligado a falta de consciência da vizinhança de Carolina enquanto objetos sociais, não como sujeitos.

Logo, a objetificação da mulher é fundamental para manter o sistema opressor. Fazer com que o próprio grupo acredite que é inferior e precisa de um líder que dite as regras e os padrões é o que organiza as opressões, pois segundo Fanon (2008, p. 188) “já faz muito tempo que o negro admitiu a superioridade indiscutível do branco e todos os seus esforços tendem a realizar uma existência branca” e como disse Woolf (2022) as mulheres são essenciais apenas para amplificar o poder dos homens, por isso eles as mantêm inferiores, pois se não fossem, elas não teriam esse papel.

Para Collins (2019) a dominação está relacionada à objetificação, assim, o corpo, a autonomia e o seu espaço na família e no

mercado de trabalho são explorados pela classe dominante através capitalismo.

Mulheres negras “devem” estar em trabalhos subalternos relacionados ao esforço físico porque são estereotipadas como anormais. No período da escravização “as mulheres negras eram lidas como mulas, meras unidades de trabalho semovente, cuja qualidade de vida era irrelevante, desde que estas exercessem suas tarefas” (Bueno, 2020, p. 83).

Carolina foi estereotipada como rústica: “porque o cabelo do negro é rústico” (Jesus, 2014, p. 81); como fedida: “Negrinha! Negrinha fedida!” (Ibidem, p. 95); via-se como animal: “O negro é filho de macaco” (idem); e era vista como animal: “o negro tem a mentalidade de animal” (ibidem, p. 146). Todos esses estereótipos incutidos socialmente não estão por mero acaso, mas como forma de continuidade da dominação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2019.

MARKOVITS, Daniel. A cilada da meritocracia. Trad. Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

MOSER, Benjamin. Clarice,. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Cargomo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOOLF, Virgínia. Um teto todo seu. Trad. Vanessa Barbara. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

Submissão: fevereiro de 2024.

Aceite: março de 2024.